

QUINTANA EM *IBIRAPUITAN*, UM SUPLEMENTO À HISTÓRIA E À CRÍTICA LITERÁRIAS¹

André Luis Mitidieri-Pereira

Doutorando em Letras/PUCRS-CNPq

Abstract: This paper focuses on Mario Quintana's early poetry, published in "Ibirapuitan", a largely unknown literary magazine from his hometown of Alegrete (Rio Grande do Sul). While already containing the seeds of Quintana's rich and diversified poetical production, these early poems are remarkable in that they exemplify the Derridian concept of "supplement".

Key words: Brazilian poetry; Derridian *différance*; genetic criticism; Mario Quintana; supplement; textual criticism.

Reconhecido no Brasil inteiro como um lírico do cotidiano de Porto Alegre, Mario de Miranda Quintana não nasceu nessa capital do Rio Grande do Sul. Nosso Baudelaire das ruas porto-alegrenses viera à luz em Alegrete, no interior do estado sulino, a poucos quilômetros das fronteiras com a Argentina e o Uruguai. Era o penúltimo dia de um gélido julho em 1906. Como sempre nessa época, o Minuano soprava forte. Levando o nome de um grupo indígena da região, o vento agravava os rigores do inverno gaúcho naquela povoação agropastoril, situada às margens do Ibirapuitã, na acepção guarani, o rio das madeiras vermelhas.

Em tal cenário, bem longe das passagens e galerias parisienses, mas nem um pouco distante dos influxos da cultura francesa, o menino de saúde um tanto débil alfabetizou-se e aprendeu as primeiras lições de

francês com seu pai, o farmacêutico Celso Quintana. Pelas mãos de sua mãe, dona Virgínia, Mario entrou em contato com a língua espanhola. Na terra-natal, o garoto realizou seus primeiros estudos, em 1914, com a professora Zulmira Contino, a “Dona Mimi”. Um ano depois, ingressou na escola do mestre português Antônio Beirão, onde concluiu o curso primário.

Espaços e personagens que marcaram a infância do guri “doente, por trás de uma janela” (Quintana 2005: 743),² tornam-se recorrentes na obra poética que depois produziria. Como já nos alerta Regina Zilberman (1982), o autor retira da própria história os principais motivos de seu texto literário, “fortemente impregnados das recordações e vivências do artista. É este caráter pessoal – até confessional e autobiográfico – a marca registrada de Mario Quintana. E, com ela, o escritor assegura sua cadeira cativa na cultura brasileira” (18).

No mesmo trabalho crítico, Zilberman chamava a atenção para os “quintanares”³ publicados entre 1938 e 1939 em um periódico literário de Alegrete, o qual levava o nome do rio que banha essa cidade: *Ibirapuitan*. Por sua vez, em uma obra de enfoque biográfico, a professora Nêa Castro (1985) também informava sobre aquelas primeiras publicações de Quintana. A partir dos rastros seguidos nesses dois livros, a revista alegretense mostra-se de suma importância para a presente abordagem de uma etapa, muitas vezes negligenciada, da vida literária do poeta brasileiro.

Ao debutar na literatura, algumas vezes, Mario Quintana disfarçou-se por meio do pseudônimo Cândido Manoel de Santa Bárbara. Foi quando o adolescente se mudou pela primeira vez da cidadezinha fronteiriça. Contribuiria então com a revista *Hylaea*, da Sociedade Cívica e Literária do Colégio Militar de Porto Alegre, no qual estudou entre 1919 e 1924, e onde apenas se interessava por disciplinas como francês, história e português.

No último desses anos, durante os quais boa parte do mundo tentava copiar a *Belle Époque*, Mario divulgaria uma composição poética na terra em que nascera (Remédios 40). Valendo-se também de um falso nome – J.B. de Sá –, homenageava sua paixão prematura, filha do agente funerário local. O periódico em que constaria tal registro não pôde ser localizado. Entretanto, na década de 1980, o já celebrado escritor ainda sabe de cor o mencionado soneto, um de seus pioneiros: “Que linda estavas, Maria / no dia da comunhão” (Castro 38).

Mais tarde, ao mesmo tempo em que assiste a inúmeras comemorações pela passagem dos 80 anos de seu nascimento, Quintana grava essa parcela da sua memória de vida e do seu trabalho autoral no livro *Baú de Espantos* (1986: 16-17). Logo abaixo do poema, parcialmente modificando quanto à estrutura, registra a data em que o teria elaborado:

MARIA

Que linda estavas no dia
Da Primeira Comunhão,
Toda de branco, Maria,
Com rosas brancas na mão.

Nossa Senhora esquecia
Ao ver-te, a sua aflição,
E eu, contrito – que heresia! –
Tê rezava uma oração.

Pois quando te vi, de joelhos,
Pousar os lábios vermelhos
Nos pés do Cristo, supus

Que eras Santa Terezinha,
A mais linda e mais novinha
Das esposas de Jesus!

(1923)

Enquanto a vida real trazia perdas para o jovem poeta, o mundo artístico, por outro lado, começava a lhe oferecer consideráveis ganhos. Depois de sair do Colégio Militar, empregando-se por pouco tempo na Livraria do Glo-

bo, retornou à casa, para trabalhar na farmácia de seu Celso. Em 1926, quando perdeu a mãe, sagrou-se em primeiro lugar no concurso literário promovido pelo *Diário de Notícias* de Porto Alegre. Com o pseudônimo de Antônio Morteiro, havia apresentado o conto “A sétima personagem”.

No ano seguinte, assistiu ao falecimento do pai, ao mesmo tempo em que, assinando-se M.M. Quintana, obteve publicação na revista *Para Todos*, do Rio de Janeiro, dirigida por Álvaro Moreyra.⁴ Referindo-se ao ator que interpretava o filme *O Garoto*, de Charlie Chaplin, o trabalho aí divulgado volta à luz na página dois do suplemento “Letras e Livros” do jornal *Correio do Povo*, de nove de janeiro de 1982, onde sua data de composição aparece como sendo 1927. Essa informação é corrigida no relançamento do poema em *Baú de Espantos* (1986: 38):

MANHÃ

Esta noite eu sonhei que era Jackie Coogan,
Me acordei
Bom dia, Senhor Sol, quanta luz! –
Todo iluminado por dentro de alegria.
Na janela,
A fresca manhã sirria!
(os coqueirais crespos cutucavam ela...)
(1926)

Em 1929, o moço de Alegrete instalou-se na capital sul-riograndense, indo trabalhar no periódico liberal *O Estado do Rio Grande*, sob a direção de Raul Pilla. Publicou poemas no jornal *Correio do Povo*, no *Almanaque do Globo* e na *Revista do Globo*. Ao estourar a Revolução de 30, alistou-se como voluntário e seguiu para o Rio de Janeiro. Teve como atribuição fazer o diário da tropa: “Eu floreava. Era por encomenda [...] Nos puseram a policiar o Mangue, a zona de prostituição. Eu tinha ido lá pra morrer pela pátria, ora bolas” (Castro 50).

O “revolucionário” voltou ao Sul em 1931, e às suas atividades n’*O Estado do Rio Grande*, veículo fechado em 1932, num ato discricioná-

rio do general Flores da Cunha. À época, o chefe militar ocupava o cargo de interventor estadual, solidário que fora ao levante organizado pela oligarquia paulista contra o governo de Getúlio Vargas. Desempregado como jornalista, Mario aceitou a tarefa de traduzir *Palavras e Sangue*, de Giovanni Pappini, para a Globo de Porto Alegre (Bordini 1976: 12).

Lançada em 1934, tal obra marcava o início de uma fecunda carreira de Quintana como tradutor na casa editora gaúcha. Em 1935, ele dirigiu-se outra vez à então capital federal, onde permaneceria por curta temporada. Trabalhou na *Gazeta de Notícias* e conheceu pessoalmente a poeta que já divulgara seus trabalhos e a quem admiraria por toda a vida: “Quem me introduziu na vida literária foi Cecília Meireles. Lembro-me que ela publicou a ‘Canção do meio do mundo’ [...] no Suplemento do *Diário de Notícias*, com uma bela ilustração de Correia Dias” (Castro 53).

No retorno, ainda que ficasse morando em Porto Alegre, o poeta caminhante atuou de forma bastante ativa em *Ibirapuitan*: Mensário de Sociedade, Literatura e Arte. Fundada em Alegrete, no ano de 1938, pelo cronista Felisberto Soares Coelho, o “Fidêncio Caigoaté”, e sob a gerência de Emilio Lopes, essa revista circularia até 1939.⁵ Congregava intelectuais de diversas orientações estilísticas e ideológicas, entre outros: o militar piauiense Dionísio Villarinho; o prosador e lírico parnasiano Hernáni Schmitt; os poetas comunistas Ênio de Guimarães Campos e Laci Osório, assim como a poeta Lila Ripoll; o escritor regionalista Juca Ruivo; o sonetista e delegado de polícia Antonio Brasil Milano.

Mario Quintana publicara, na revista *Ibirapuitan*, alguns poemas depois reunidos em suas obras literárias *A Rua dos Cataventos* e *Espelho Mágico*. Lançado em 1940, o primeiro poemário indica o local e a data em que estaria pronto para publicação: “Alegrete, Natal de 1938”. Sete dos trinta e cinco sonetos aí constantes, por haverem figurado no magazine alegretense, auxiliam a confirmar o prévio preparo do livro, conforme sinaliza seu autor.

No primeiro número de *Ibirapuitan*, do mês de janeiro de 1938, era impresso aquele poema que passaria para *A Rua dos Cataventos* como o “Soneto VIII”, no qual um sujeito poético maduro começa por assim cantar: “Recordo ainda... E nada mais importa... / Aqueles dias de uma luz tão mansa / Que me deixavam, sempre, de lembrança, / Algum brinquedo novo à minha porta / Mas veio um vento de Desesperança / Soprando cinzas pela noite morta! / E eu pendurei na galharia torta / Todos os meus brinquedos de criança [...]” (Quintana 1940: 36).⁶

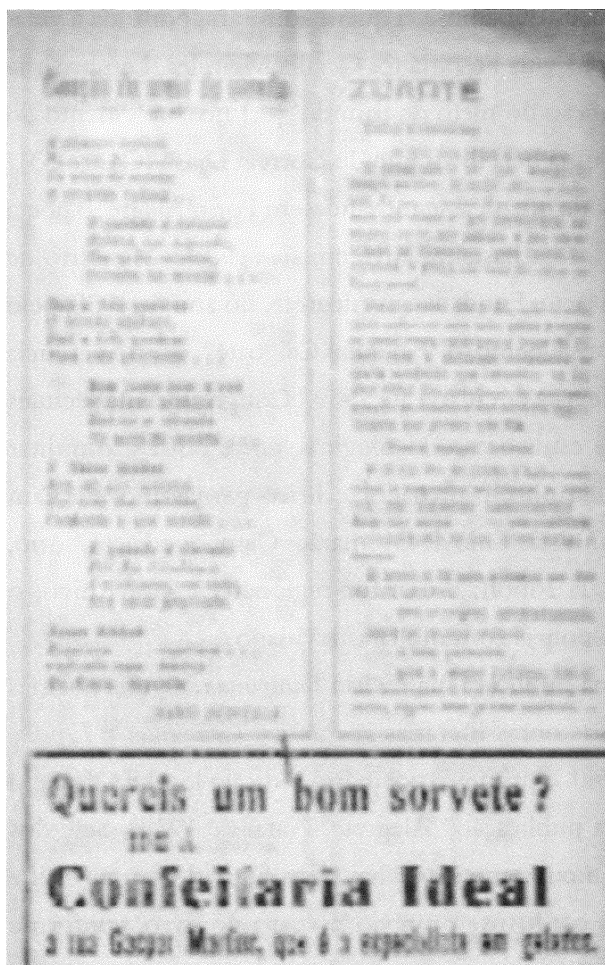


Fig. 1: QUINTANA, Mario. “Canção do meio do mundo”. *Ibirapuitan*, Alegrete (RS), ano 1, n. 2, fev. 1938.

No volume II do mensário, aparecia a “Canção do meio do mundo”, em sete quartetos. Publicada em *A Rua dos Cataventos* como o soneto XXIV (1940: 99-101), com duas estrofes de quatro versos e duas de três, a reformulada canção agora inclui uma dedicatória a Lino de Mello e Silva. Com exceção das questões referentes a ortografia ou pontuação, ocorrem poucas mudanças na versão do poema para o livro, como as de letras maiúsculas para minúsculas.

Isso se dá porque as palavras anteriormente localizadas no início dos versos deslocam-se ao meio das frases na nova disposição gráfica. Alterações mais significativas acontecem nos versos sete e oito de *Ibirapuitan* – “Um grilo cantava, / Sózinho no mundo...” – que passam à seguinte ordenação, transformando-se no quarto verso da primeira estrofe da obra literária *A Rua dos Cataventos*: “Um grilo, sózinho, no mundo, cantava...” Já o verso 27 de *Ibirapuitan* recebe artigo definido feminino plural e, aglomerado com o 28, compõe o décimo quarto (e último) verso do soneto XXIV da publicação em livro: “Cofiando as suas barbas de Pedro Segundo” (Quintana 1940: 101).

O número III da *Ibirapuitan*, de março de 1938, trazia o “Soneto XXII”, dedicado como “Especial para Rumo”. Na organização d’*A Rua dos Cataventos* (1940: 63-65), o poema em destaque tem a dedicatória transferida: “Para Erico Verissimo”. Demonstra cinco correções de pontuação, uma de atualização ortográfica e o acréscimo de dois acentos agudos, nas palavras “pára-sol” (verso um) e “olhál-a” (verso oito). O mesmo volume da revista trazia a “Crônica XXII”, de Manoel del Rio, a seguir, transcrita de forma atualizada:

O Mário – boêmio a Murgër e algo satanista a Baudelaire, desdenhoso e magnífico como Chateaubriand [...], nem ligava, e, supremo desprezo, estava com a cabeça bem raspadinha.

Eu vi que as meninas estavam com vontade de dar uns cascudos na cabeça dele. E eu ajudava. E dava a valer, com os nós dos dedos em ângulo bem pontudo. E ele bem que merecia...

Para não haver confusão eu digo o nome todo dele. Mário de Miranda Quintana. Sim, porque alguém pode pensar que se trata do Mário Suárez, se bem que este até agora é almofadinha... mas só nos dias feriados, e sempre usou pastinhas.

Os números IV e V de *Ibirapuitan*, agora em volume único, englobaram os meses de abril e maio de 1938. O “Soneto VII”, aí apresentado, sofre apenas a inclusão de uma vírgula em *A Rua dos Cataventos* (1940: 31-33). Aliada à manutenção do título do poema, essa pequena alteração vem apontar a um estágio de finalização do primeiro livro de Quintana. Tal indício parece confirmar-se no volume seguinte do periódico, agregando os números VI e VII, de junho e julho. Em uma de suas páginas, figurava o “Soneto II”, com a seguinte observação: *D’A RUA DOS CATAVENTOS*. Além do mais, a presente edição bimensal de *Ibirapuitan* noticiava que:

Duas revistas cariocas, “Pan” e “O Malho”, transcreveram páginas de *IBIRAPUITAN*.

“O Malho”, em um de seus números de fevereiro, o soneto VII, do poeta Mário Quintana;

[...]

Assim, vai *IBIRAPUITAN* vencendo galhardamente, mercê do seu luzido corpo de colaboradores, pois, certamente, outras colegas irão colhendo e divulgando algumas das pérolas que oferece, dadivosamente, às letras nacionais.

Só não compreendemos por que os brilhantes colegas não mencionaram a farta messe de onde carregaram tão saborosos pomos.

Será por ser *IBIRAPUITAN* editada em uma cidade relativamente pequena?

Talvez...

[...] Se-bem que Alegrete, embora pequena em prédios e modesta em população, albergue dentro de seus muros uma escola complementar, um colégio-elementar (ambos estabelecimentos estaduais), um ginásio municipal, duas escolas particulares, quatro grupos escolares e três escolas isoladas municipais, um jornal diário (o mais antigo do Estado, já no seu 56º ano), uma revista ilustrada mensal, um periódico em inglês e francês, e dois jornais escolares mensais. Na campanha conta cerca de quarenta educandários, entre estaduais e municipais, afora os particulares.

Quanto ao mais: – possui rede de águas e esgotos, luz elétrica, cinemas, associações de clube (Associação Comercial, Associação Rural, Associação dos Empregados no Comércio, Sociedades Operárias, Sindicatos, Associações de Professores...), charqueadas, é sede de comarca, de município e de polícia judiciária, de uma divisão e uma brigada de cavalaria do Exército Nacional, de delegacia de saúde, aquartela um regimento de Cavalaria, além das repartições federais, estaduais e municipais, entre as quais um posto aerológico da União.

Pra que mais?

O resto se subentende.

Mario Quintana, ao lado de Juca Ruivo e Hernáni Schmitt, passava a constar entre os redatores de *Ibirapuitan* no editorial do volume que abrigou os seus números X e XI, de outubro e novembro de 1938. O soneto “Lunar”, aí constante, irá ressurgir sob o número XIII em *A Rua dos Cataventos* (1940: 55-57). Nessa obra literária, o poeta apenas transforma uma vírgula em ponto exclamativo e suprime outro ponto de exclamação no último verso do seu texto. Por outro lado, na mesma edição do periódico, alguém que se escondia sob o pseudônimo “Sensitiva Sentimental” dedicava ao sonetista de Alegrete o quarteto “Simpatia”:

ASSIM COMO ESTRELAS BRILHAM NO CÉU,
A AMIZADE QUE ESTE DEDICA E LEVA,
BRILHA, COM REFLEXOS DE LUNÁRIO,
NESTE CORAÇÃO QUE TE AMA, Ó MALEVA.

Já no volume XII de *Ibirapuitan* (dezembro de 1938), em que o magazine reassumia periodicidade mensal, Quintana veio a oferecer outra mostra de suas atividades intelectuais: a tradução da fábula “Os dois gatos”, do escritor francês Florian. Por outro lado, a primeira edição do ano II da revista, quer dizer, de 1939, abria-se com o poema intitulado “Programa para uma tarde nevoenta”. É o mesmo soneto XXXIII de RC (1940: 135-137), todavia suplementado pela dedicatória ao escritor intimista Reynaldo Moura.



Fig. 2: *Ibirapuitan*, Alegrete (RS), ano 1, n. 12, dez. 1938. (Capa)

Na peça poética em si, ocorrem duas adições de vírgulas, a troca de uma vírgula por reticências e a supressão dum sinal de mesma espécie. Ademais, as letras B e S, de “Bruxa Silenciosa” (verso cinco) vêm a ser formatadas em minúsculas, do mesmo modo que o verso sete – “Nessa longínqua Londres misteriosa” – é alterado no livro para “Nessa Londres longínqua, misteriosa”.

O volume número I do segundo ano de *Ibirapuitan* ainda atesta a recepção da iniciante obra lírica de Quintana, conforme o poema que lhe oferecia Antonio Brasil Milano. Também confirma a distribuição do mensário a distintos pontos do Rio Grande do Sul, da mesma maneira que ao Rio de Janeiro e à capital uruguaia, Montevideu.

Nesse sentido, a segunda numeração de 1939, do mês de fevereiro, publicou artigo veiculado pelo *Correio do Sul*, de Bagé, onde destacava que “Monteiro Lobato, a mais alta expressão da literatura nacional, referindo-se à ‘Ibirapuitan’, teve palavras de franco louvor ao apreciá-la através de significativa carta ao seu diretor”. Na mesma edição, em uma coluna denominada “De Rebus Pluribus”, o poeta gaúcho começava a divulgar algumas quadras que encantariam a Lobato.

Mario continuou a publicar seus quartetos nos volumes seguintes de *Ibirapuitan*. Posteriormente, no entanto, alteraria o título da sua seção poética para “Pátio dos Milagres”. Também daria esse nome para uma obra literária que pensava lançar a público em breve, mas que

acabou não saindo na ocasião, e, quando surgiu, em 1948, Quintana suprimiu, modificou e ampliou muitas das composições originais divulgadas pelo periódico alegretense. Também o título foi mudado, e *Espelho Mágico* foi escolhido em razão de uma das quadras, inspirada em Swift, conforme observa o próprio poeta ao final. A composição denominada “Da sátira” diz: “A sátira é um espelho: em sua face nua, / Fielmente refletidas, / Descobres, de uma em uma as caras conhecidas, / E nunca vês a tua...” (Bittencourt 2).

Publicado pela Globo em 1951, *Espelho Mágico* ratifica a importância das primeiras formas de divulgação dos quintanares. As publicações em periódicos acabam por nortear a vida editorial do poeta gaúcho, como ele mesmo declara: “nos primeiros tempos em que publiquei poesia, eu escrevia sonetos, mais tarde reunidos em *A Rua dos Cataventos*, e as professoras recortavam e liam nas salas de aula, e os autores de antologia reproduziam. Então, eu diria que justamente foi através do soneto que me tornei popular” (Castro 72-73).

Ciente da popularidade da lírica quintanesca, no ano de 1941, Manuel Bandeira convoca “Canção de um Dia de Vento” e “Canção-Ballet” à antologia *Obras-Primas da Lírica Brasileira*. Em 1946, essas poesias integram o poemário *Canções*, editado pela Globo de Porto Alegre. De junho

de 1945 a setembro de 1946, o escritor alegretense publica “Do Caderno H” na revista *Província de São Pedro*. O espaço abrigaria poemas e “o que não é poesia, é coisa conceituosa” (IEL 14).

Ao passo que uma seleção de tais prosas poéticas constitui o livro *Sapato Florido* (1948), Mario contribui com o mesmo periódico literário trimestral ainda em 1946, bem como nos anos de 1947 e 1951, mas em outras seções.⁷ Por essa época, lança *O Batalhão das Letras* (1948)⁸ e *O Aprendiz de Feiticeiro* (1950). Nesse último volume de poemas, parece condensar o seu fazer literário bastante desordenado, do qual já dera sensíveis mostras em suas contribuições para: os jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*; os magazines literários *Hyloea*, *Ibirapuitan*, *Para Todos*, *Revista do Globo* e *Terra do Sol*.

As divulgações em periódicos da obra quintanesca igualmente depõem sobre o processo de formação do público-leitor e a incorporação social do escritor, ao atuar em grupos que conformam determinados sistemas de produção, circulação e recepção da literatura. Voltando à obra poética, ao texto fixado para publicação, a suas versões posteriores ou ao seu prototexto, o sujeito produtor engendra a multiplicidade qualitativa de cada um desses retornos, de maneira semelhante a seu estro poético:

[...] Estrada afora após segui... Mas, ai,
Embora idade e senso eu aparente,
Não vos iluda o velho que aqui vai:
Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino... acreditai...
Que envelheceu, um dia, de repente!...
(Quintana 1940: 37).

Esse oitavo soneto d'*A Rua dos Cataventos*, anteriormente publicado em *Ibirapuitan*, mostra-se paradigmático da diversidade poética de Quintana, “sempre fiel a si mesma” (Zilberman 2001: 438-440). Nele, o eu lírico parece validar o pensamento de Theodor Adorno sobre a “dialética

negativa” que, em vez de gerar uma síntese, “produz uma nova contradição, cuja complexidade exigirá ainda uma nova antítese” (Rocha 151).

Tamanha mobilidade originaria uma indeterminação conceitual, que se vincula à “constelação” adorniana. Essa idéia, por sua vez, combina-se ao “desconstrucionismo” de Jacques Derrida (1967). Para o filósofo francês, os sentidos de um texto não encontram localização precisa. Do contrário, são constantemente difusos ou propagados, indicando que a escrita produz várias diferenciações. Cada signo envia a outro, exigindo novas suplementações, as quais se coadunam àquele movimento, responsável por iluminar o caráter específico do objeto e por constituir um “aspecto que para o procedimento classificador é tanto indiferente quanto um fardo” (Adorno 162).

O Aprendiz de Feiticeiro (Quintana 1950) também suscita um estudo de suas relações com o material anteriormente divulgado por seu autor em jornais e revistas. Do mesmo modo, a presente pesquisa se articula com a noção teórica de “suplemento” (Derrida 2002). Assim, rasura muitos daqueles estudos críticos que consideraram a obra do poeta sul-riograndense através de uma metódica organização, suposta pelas edições de seus livros, mas desmentida, entre outros trabalhos, por suas publicações em *Ibirapuitan*.

Se a morte como pulsão representa o suplemento da vida, o “originário” da poética quintanesca tornou-se equivalente às últimas formas recebidas pelos quintanares: “O apelo do suplemento é aqui originário e escava aquilo que se reconstitui mais tarde como presente. O suplemento, aquilo que parece acrescentar-se como um pleno a um pleno, é também aquilo que supre” (Derrida 2002: 200). O sentido dos textos publicados por Quintana em volumes ordenados por gênero veio depois “suplementar a experiência que na origem é dividida, dupla, dúbia, indecível” (Nascimento 2001: 176).

Daí que retornar aos primeiros elos dessa cadeia literária, por intermédio de uma dilatação na temporalidade e de um deslocamento tópicos, também constitui outras peças que se suplementam no jogo derridiano da *différance*. No mesmo caminho, este artigo poderá servir de suporte a futuras investigações de teor crítico ou historiográfico literário, embasadas, por exemplo, nas críticas genética e textual. Visando a contribuir para tanto, procedi à digitalização da revista alegretense, uma vez que seus exemplares, depositados na Biblioteca Nacional, encontram-se à beira do deterioro, esse “mal de arquivo”.⁹

NOTAS

- 1 Esta pesquisa não se concretizaria caso me fossem desconhecidas as obras de Néa Castro (1985) e Regina Zilberman (1982).
- 2 Trecho de uma entrevista concedida a Edla Van Steen.
- 3 Quintana se referiu a seus poemas como “quintanares” no livro *Canções* (1946).
- 4 O estrepante literato já encontraria divulgação no centro do país. Mandara alguns poemas para Cecília Meireles, sem conhecê-la: “Ela gostou, e publicou-os em *Terra do Sol*, revista que saiu até 1927” (Castro 52).
- 5 A revista *Ibirapuitan* volta a circular nos anos de 1970.
- 6 Apenas o primeiro número desse periódico não pôde ser encontrado.
- 7 “Do Caderno H” somente retorna em 1953, quando passa à página literária dos domingos do jornal *Correio do Povo*. O catálogo da revista *Província de São Pedro* pode ser consultado no seguinte portal: <http://www.ipct.pucrs.br/letras/saopedro/index.htm>.
- 8 Muitas seções biobibliográficas das obras aqui utilizadas informam que 1948 seria a data correta de publicação do livro infantil *O Batalhão das Letras*. Porém, Néa Castro (1985) diz que essa obra teria saído em 1941 pela coleção Nanquinote da Globo de Porto Alegre.
- 9 Agradeço especialmente a Leandro Ortolan e Maria da Glória Bordini (Acervo Literário de Mario Quintana); Carla Ramos, Débora do Nascimento e Jorge Luiz dos Santos (Fundação Biblioteca Nacional). Ainda sou bastante grato a Adeitalo Manoel Pinho, Alessandra Stucker, Cláudia Antunes e Maria da Conceição Araújo, que muito ajudaram para que revista *Ibirapuitan* pudesse hoje ser disponibilizada em meio digital.

TRABALHOS CITADOS

- ADORNO; Theodor. *Negative dialectics*. New York: Continuum, 1983.
- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *Espelho mágico: gênese do verso curto e do humor em Mario Quintana*. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, v. 39, p. 47-64, 2006.
- BORDINI, Maria da Glória. Mario Quintana tradutor. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 31 jul. 1976. Caderno de Sábado, p. 12.
- _____. (Org.). *Mario Quintana: o anjo da escada*. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2006.
- CASTRO, Néa. *Mario Quintana*. Porto Alegre: Tchê!, 1985.
- COELHO, Felisberto Soares (Dir.). *Ibirapuitan: Mensário de Sociedade, Literatura e Arte*, Alegrete (RS), v. 1-12, 1938.
- _____. (Dir.). *Ibirapuitan: Sociedade, Literatura e Arte*. Alegrete (RS), v. 1-9, 1939.
- DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Minuit, 1967.
- _____. *A escritura e a diferença*. 3. ed. Trad. por Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Mario Quintana: poeta, caminhante e sonhador*. Porto Alegre: IEL, 2006. (Coleção Autores Gaúchos)
- NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura: "notas" de literatura e filosofia nos textos da desconstrução*. 2. ed. Niterói: EDUFF, 2001.
- PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO. Disponível em: <<http://www.ipct.pucrs.br/letras/saopedro>>. Acesso em: 05 set. 2006.
- QUINTANA, Mario. *A rua dos cataventos*. Porto Alegre: Globo, 1940.
- _____. *Canções*. Porto Alegre: Globo, 1946.
- _____. *Sapato florido*. Porto Alegre: Globo, 1948.
- _____. *O aprendiz de feiticeiro*. Porto Alegre: Globo, 1950.
- _____. *Espelho mágico*. Porto Alegre: Globo, 1951.
- _____. Manhã. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 09 jan. 1982. Suplemento Letras e Livros, p. 02.
- _____. *Baú de espantos*. 2. ed. Porto Alegre; Rio de Janeiro: Globo, 1986.
- _____. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005.
- REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. Uma vida contada pela poesia. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Mario Quintana: o anjo da escada*. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2006. p. 36-46.
- ROCHA, João Cezar de Castro. Literatura Comparada como forma: escrita e pensamento em Adorno. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, p. 129-138, 2006.
- ZILBERMAN, Regina. *Mario Quintana*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- _____. Mario Quintana: diversidade sempre fiel a si mesma. *Revista de Psicanálise*, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p. 419-440, dez. 2001.

